

Glorificando a Cristo das 8 às 6

John Piper¹

Seria um erro inferir [...] que os cristãos devem largar seu emprego e ir para a “guerra” – ou seja, tornar-se missionários, pastores ou voluntários de tempo integral em ONGs. Isso seria um equívoco fundamental quanto a onde a guerra está sendo travada. É claro que há batalhas sendo travadas no âmbito espiritual (sem bombas nem baionetas) entre povos não alcançados do mundo aonde o Rei dos reis enviou seus “soldados” abnegados com o evangelho da paz, e onde ele está reunindo para si um povo feliz. Esse é o trabalho glorioso da missão na linha de frente. Mais adiante vou mostrar que esse é um chamado magnífico; e oro para que milhares dentre vocês que leem este livro o atenderão e irão para essas frentes.

A guerra não é geográfica

Todavia, não se engane, a “guerra” que tenho em mente quando falo de uma “mentalidade de guerra” ou de um “estilo de vida de guerra” não é travada sobre fronteiras geográficas. Ela é travada primeiro na fronteira entre bem e mal em todo coração humano, especialmente no coração dos cristãos, onde Cristo fincou o pé e pretende ter triunfo completo. A “guerra” está sendo travada na fronteira entre pecado e retidão em cada família. Ela está sendo travada na fronteira entre certo e errado em cada escola, entre justiça e injustiça em cada tribunal, entre integridade e corrupção em cada escritório, entre amor e ódio em cada grupo étnico, entre orgulho e humildade em cada esporte, entre bonito e feio em cada expressão artística, entre doutrina certa e errada em cada igreja, e entre preguiça e esforço entre um cafezinho e outro. Não é desperdício entrar na batalha pela verdade, fé e amor em cada uma dessas frentes. A guerra não é física ou territorial, em primeiro lugar – apesar de seus sucessos e fracassos terem efeitos físicos. Por essa razão, as vocações seculares dos cristãos são um campo de batalha. Há adversários espirituais para serem derrotados (espíritos maus e pecados, não pessoas); e há campos morais lindos a serem ocupados para a glória de Deus. Se você desperdiça sua vida ou não, não depende de *onde* você trabalha, mas de *como* e *por quê*.

Secular não é mau; é estratégico

Por favor, não veja na expressão “vocação secular” uma conotação não espiritual ou inferior em comparação com “vocação eclesiástica”, “vocação missionária” ou “vocação espiritual”. Estou simplesmente falando das vocações que não estão estruturalmente ligadas à igreja. É possível estar *no* mundo e não ser *do* mundo, como Jesus ensinou quando orou em João 17.15-16: “Não peço que os tires *do mundo*, mas que os guardes do Maligno. Assim como eu não sou do mundo, *eles também não são*.”² A intenção de Jesus, portanto, é que seus discípulos continuem no mundo (que é o que eu quero dizer com “emprego secular”), mas que eles não sejam “do mundo” (razão pela qual digo que estamos em uma guerra). Martinho Lutero recuperou o ensino bíblico do sacerdócio de todo cristão e acabou com a divisão espiritual entre clero e leigos. Ele concordou que havia um chamado *eclesiástico* e outro *secular*. Só que sua maneira de distinguir entre eles não se baseava em nenhum “estado espiritual” superior.

É pura invenção dizer que o papa, os bispos, os padres e os monges devem ser chamados de “estado espiritual”, e príncipes, senhores, artesãos e camponeses de “estado temporal”. Isso não passa de pura mentira e hipocrisia. [...] Todos os cristãos são, na verdade, o “estado espiritual”, e entre eles não há nenhuma diferença a não ser

¹ John Piper, *Don't Waste your Life* [Não desperdice sua vida; 1Co 6.19-20]. Wheaton: Crossway, 2007, Cap. 8, p. 131-154. Tradução: Hans Udo Fuchs.

² As citações foram tiradas da Nova Versão na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

a tarefa. [...] Para deixar bem claro: Se um pequeno grupo de cristãos leigos sinceros fosse levado cativo e abandonado em algum lugar deserto, e não houvesse entre eles um sacerdote consagrado por um bispo, e se ali no deserto eles concordassem em escolher um dentre eles, casado ou não, e lhe dessem a tarefa de batizar, dirigir o culto, absolver dos pecados e pregar, esse homem seria um padre tão genuíno como se todos os bispos e papas o tivessem consagrado. [...] Na verdade, não há diferença nenhuma entre leigos e sacerdotes, príncipes e bispos, “espirituais” e “temporais”, como são chamados, a não ser de tarefa e trabalho. [...] Um sapateiro, um ferreiro, um agricultor, cada um tem o trabalho e o cargo da sua profissão, e mesmo assim todos eles são como sacerdotes e bispos consagrados, e todos eles, com seu trabalho e cargo, devem servir uns aos outros, para que, desse modo, muitos tipos de trabalhos sejam feitos para o bem físico e espiritual da comunidade, assim como os membros de um corpo servem uns aos outros.³

A Bíblia deixa claro que a vontade de Deus para o seu povo é que ele seja espalhado como sal e luz por todo o espectro de vocações seculares. Enclaves de cristãos vivendo apenas entre si e trabalhando apenas com cristãos não concretizará o propósito completo de Deus no mundo. Isso não quer dizer que associações, ministérios ou missões cristãs são errados. Significa que são a exceção. A grande maioria dos cristãos deve viver no mundo e trabalhar entre descrentes. Esse é seu “cargo”, sua “vocação”, como Lutero teria dito. Veremos daqui a pouco por que essa é a vontade de Deus.

Parceria entre bois e pessoas

Nem todo mundo deve ser missionário ou pastor. Deve haver parcerias entre quem envia e quem vai. A respeito dos pastores na igreja, Paulo diz: “Não amarre a boca do boi quando ele estiver pisando o trigo” (1Tm 5.18), querendo dizer com isso: pague o seu pastor. Contudo, isso implica que alguém precisará estar plantando o trigo que o boi irá pisar. Esse também é o padrão dos missionários no Novo Testamento. “Ajude o advogado Zenas e também Apolo em tudo o que você puder a fim de que eles tenham o que precisarem para a viagem” (Tt 3.13). Em outras palavras, nem todos devem sair com Paulo para evangelizar; alguns devem ficar, trabalhar, e abastecer os que vão. De modo semelhante, Paulo planejou que a igreja em Roma fosse sua base de suprimentos quando ele estivesse indo para a Espanha: “Gostaria de vê-los quando fizer a minha viagem para a Espanha. Gostaria também que vocês me ajudassem a ir até lá, depois de eu ter o prazer de estar com vocês por algum tempo” (Rm 15.24). Ele presumia que eles estavam bem empregados, de modo que pudessem contribuir. É por isso que ele disse aos crentes de Tessalônica: “Vivam do seu próprio trabalho, [...] e vocês não precisarão viver às custas de ninguém” (1Ts 4.11-12). Paulo estava tão zangado com os intrometidos à toa em Tessalônica que escreveu numa segunda carta:

Não temos vivido entre vocês sem trabalhar. Não temos recebido nada de ninguém, sem pagar; na verdade, trabalhamos e nos cansamos. Trabalhamos sem parar, dia e noite, a fim de não sermos um peso para nenhum de vocês. [...] “Quem não quer trabalhar que não coma”. Estamos afirmando isso porque ouvimos dizer que há entre vocês algumas pessoas que vivem como os preguiçosos: não fazem nada e se metem na vida dos outros (2Ts 3.7-11).

Usando palavras semelhantes, ele disse aos efésios: “Quem roubava que não roube mais, porém comece a trabalhar a fim de viver honestamente e poder ajudar os pobres” (Ef 4.28).

³ Martinho Lutero, “Carta aberta à nobreza cristã”, em *Three Treatises* (Philadelphia: Fortress, 1960), p. 14-17. Veja Gene Edward Veith, Jr., *God at Work: your Christian Vocation in All of Life* (Wheaton: Crossway, 2002) para uma exposição para os leigos da doutrina de Lutero sobre a vocação. Veja também Os Guinness, *The Call: Finding and Fulfilling the Central Purpose or Your Life* (Nashville: Word, 1998), e Paul Helm, *Callings: The Gospel in the World* (Edinburgh: Banner and Truth Trust, 1998).

Fique no seu emprego “na presença de Deus”

O chamado para ser cristão não foi um chamado para deixar sua vocação secular. Essa é a mensagem clara de 1Coríntios 7.17-24. Paulo resume seu ensino ali com estas palavras: “Irmãos, cada um deve continuar na presença de Deus assim como era quando Deus o chamou” (v. 24). Paulo tinha a providência de Deus em elevado conceito – que Deus tinha de modo soberano “nomeado” ou “chamado” descrentes para posições na vida em que sua conversão teria um impacto significativo para a sua glória. “Cada um continue vivendo na condição que o Senhor lhe *designou* e de acordo com o *chamado* de Deus” (v. 17). Paulo não está dizendo que mudar de emprego é errado na vida cristã – senão ninguém poderia se tornar pastor ou missionário, exceto pessoas muito jovens (diferente de Jesus, que mudou de carpinteiro para o ministério em tempo integral quando tinha 30 anos; Lc 3.23). O que Paulo quer dizer é que, quando nos convertemos, não devemos concluir que devemos mudar de emprego. Em vez disso, nosso raciocínio deve ser: Deus me pôs aqui, e agora devo mostrar neste emprego o que ele significa para mim. Como diz o v. 24: “Cada um deve continuar *na presença de Deus*”.

Por isso, a questão “quente” para todo cristão deveria ser: “Como minha vida pode contribuir para a glória de Deus em minha vocação secular?” Estou entendendo, de tudo o que foi dito neste livro até aqui, que o propósito da vida é o mesmo, seja em vocação secular ou em vocação eclesial ou missionária. Nosso propósito é engrandecer a Cristo com alegria – fazer com que ele pareça grande com tudo o que fazemos. Gloriando-se apenas na cruz, nosso alvo é termos prazer em fazê-lo aparecer pela maneira com que trabalhamos. A pergunta é: Como? A Bíblia nos dá pelo menos seis respostas.

1) Podemos engrandecer Deus em nosso emprego pela comunhão que temos com ele durante o dia, também no local de trabalho.

Em outras palavras, gostamos de saber que Deus está presente, que ouvimos sua voz, conversamos com ele, levamos nossas preocupações a ele, experimentamos sua orientação e cuidado. A passagem bíblica que aponta para essa verdade é 1Coríntios 7.24. Depois de se converter, fique no seu emprego e curta a presença de Deus. “Cada um deve continuar *na presença de Deus* assim como era quando Deus o chamou”. As palavras que destaquei são importantes. Os cristãos não vão simplesmente para o trabalho. Eles vão para o trabalho *com Deus*. Eles não simplesmente fazem um trabalho. Eles fazem seu trabalho *com Deus*. Deus está com eles.

Uma promessa mais pessoal

Isso não é o como as promessas gerais que Deus fez à igreja como um todo. Deus prometeu à igreja: “Eu vou morar e viver com eles. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo” (2Co 6.16). A promessa que Deus faz a você no seu emprego é diferente. Quando os crentes estão trabalhando em seu emprego secular, eles estão espalhados. Não estão juntos na igreja. Por isso a ordem de “continuar na presença de Deus” é uma promessa de que você irá conhecer a comunhão com Deus pessoalmente e individualmente no seu emprego.

Expressando ações de graças contínuas a Deus por tudo

Uma maneira de gozar a presença e comunhão com Deus é pela percepção grata de que nossa capacidade de fazer qualquer trabalho, incluindo seu trabalho, é devida à sua graça. “É ele mesmo quem dá a todos vida, respiração e tudo mais” (At 17.25). Todas as suas faculdades de visão, audição e tato, toda a sua coordenação motora com mãos e pernas, todos os seus movimentos mentais de organizar e constatar, toda sua habilidade, que faz você ser bom no seu emprego – tudo isso é dom de Deus. Estar ciente disso pode encher você de um sentimento de gratidão constante oferecido a Deus em oração. “Senhor, meu Deus, eu te louvarei com todo o coração e anunciarei a tua grandeza para sempre” (Sl 86.12). Às vezes a dúvida de quem Deus é pode surgir em nós enquanto trabalhamos, e então podemos sussurrar

este louvor: “Ó Senhor Deus, que todo o meu ser te louve! Ó Senhor, meu Deus, como és grandioso!” (Sl 104.1).

Se você acrescentar a isso a noção de que você depende de Deus para cada minuto *futuro* da vida e para toda ajuda de que precisar, a gratidão vai transbordar em fé por cada momento à frente, pelo restante do dia, da semana, do mês, do ano, da década! Isso é fé na graça futura. Ela pode ser expressa em oração a Deus com palavras bíblicas como esta: “A minha confiança está em ti, ó Senhor; tu és o meu Deus” (Sl 31.14). Ou podemos dizer: “O amor do Senhor não se acaba, e a sua bondade não tem fim. Esse amor e essa bondade são novos todas as manhãs; e como é grande a fidelidade do Senhor!” (Lm 3.22-23).

Levando as promessas para a empresa

Sustentando essa gratidão, louvor e confiança estão as promessas de Deus que você pode levar para a empresa todos os dias – escritas na Bíblia ou memorizadas na sua cabeça. É assim que Deus fala com você durante o dia. Ele o encoraja: “Não fiquem com medo, pois estou com vocês; não se apavorem, pois eu sou o seu Deus. Eu lhes dou forças e os ajudo; eu os protejo com a minha forte mão” (Is 41.10). Ele lembra você que os desafios do dia não são grandes demais para ele: “Eu sou o Senhor, o Deus de toda a humanidade. Nada é impossível para mim” (Jr 32.27). Ele lhe diz para não ficar ansioso, antes lhe pedir tudo o que precisa (Fp 4.6), e acrescenta: “Entreguem todas as suas preocupações a Deus, pois ele cuida de vocês” (1Pe 5.7). E promete guiar você durante o dia todo: “Eu lhe ensinarei o caminho por onde você deve ir; eu vou guiá-lo e orientá-lo” (Sl 32.8).

Assim temos comunhão com Deus, ouvindo sua voz em sua Palavra e agradecendo-lhe, louvando-o e pedindo a ele tudo o que precisamos. Honra a Deus quando você fica no seu emprego secular *na presença de Deus* dessa maneira. Assim a vida não é desperdiçada. Deus tem prazer em que as pessoas confiem nele e se alegrem nele. Isso demonstra seu valor. E quando lembramos a nós mesmos que nenhuma dessas bênçãos imerecidas seria nossa se não fosse a morte de Cristo em nosso lugar, cada momento de alegria em Deus torna-se uma proclamação da cruz.

2) Engrandecemos a Cristo em nosso emprego secular pela forma alegre e confiante da nossa criatividade e dedicação que exalta a Deus.

Vamos entender melhor se nos perguntarmos em que o ser humano difere de castores, beija-flores, aranhas e formigas. Vale a pena ir ao fundo de como o ser humano honra a Deus com seu trabalho. Os animais trabalham duro e fabricam coisas complicadas e impressionantes. Nosso trabalho deve honrar mais a Deus do que a criatividade e esforço deles – a não ser que queiramos dizer que glorificamos a Deus com nosso trabalho assim como os animais.

Representantes de Deus que dominam a terra para sua glória

Qual é a diferença? Relembre as primeiras palavras na Bíblia a respeito da criação do ser humano: “Deus criou os seres humanos; ele os criou parecidos com Deus. ele os criou homem e mulher e os abençoou, dizendo: Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a *dominem*. E *tenham poder* sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam pelo chão” (Gn 1.27-28). Nossa criação à imagem de Deus leva diretamente ao nosso privilégio e dever de *dominar* e *ter poder* sobre a terra. Em outras palavras, devemos estar ocupados compreendendo, moldando, planejando e usando a criação de Deus de um modo que chama atenção para o seu valor e leva à adoração.

Ser à imagem de Deus significa no mínimo que reflitamos a imagem de Deus. Devemos mostrar como ele é. E devemos fazer isso não para nos engrandecer (como imagens que somos), mas para engradecer a ele (como criador). As pessoas fazem imagens de gente famosa para honrá-las. Deus criou o ser humano à sua imagem para poder ser visto, apreciado e honrado pelo que o ser humano faz.

Em seguida Deus disse, antes de qualquer outra coisa, que aquilo que o ser humano faz é trabalho. Ele subjuga e domina a terra. Isso implica que parte do que significa ser humano é exercer o senhorio sobre a criação, dar forma, ordem e intento ao mundo de modo a refletir a verdade e beleza de Deus. Deus fez o ser humano, por assim dizer, seu representante executivo, concedendo-lhe direitos e capacidades divinas para dominar o mundo – para usá-lo e moldá-lo para bons propósitos, especialmente o de engrandecer o Criador.

O trabalho não é maldição; ser fútil é

Voltando até o começo, antes da origem do pecado, não há conotações negativas para o trabalho secular. De acordo com Gênesis 2.2, o próprio Deus descansou do *seu trabalho* de criação, deixando claro que o trabalho é algo bom, de Deus. E o ponto culminante desse trabalho divino foi o ser humano, criado à imagem de Deus com o propósito de continuar o trabalho de governar, moldar e desenvolver a criação. Portanto, a raiz do sentido do trabalho é *criatividade*. Se você é Deus, seu trabalho é criar do nada. Se você não é Deus, mas como Deus – ou seja, se você é humano – seu trabalho é tomar o que Deus fez, e moldá-lo e usá-lo para engrandecer a Deus.

Em que somos diferentes de um castor

É aí que entra o castor. Um castor submete o que o cerca e constrói um dique para um bom propósito, uma moradia. Ele parece gostar do seu trabalho; e o esforço e habilidade do castor refletem a glória da sabedoria de Deus.

Tudo bem feito e bonito,
Criaturas grandes e pequenas;
Tudo sábio e maravilhoso –
Foi nosso Deus quem fez.⁴

E Deus é glorificado em todas as coisas. “Rios, batam palmas! Montes, cantem com alegria! [...] O céu anuncia a glória de Deus” (Sl 98.8; 19.1). Então, qual é a diferença entre um ser humano trabalhando e um castor trabalhando? Ou de uma abelha, um beija-flor ou uma formiga? Todos eles trabalham duro; submetem o que os cerca e formam estruturas impressionantes que servem a bons propósitos. A diferença é que o ser humano tem consciência moral e faz escolhas em seu trabalho com base em motivações que podem ou não honrar a Deus. Um castor, abelha, beija-flor ou formiga não conta conscientemente com Deus. Um castor não pensa no padrão divino de ordem e beleza para fazer uma escolha moral de dar o melhor de si porque Deus é o melhor. Um castor não pensa na boa vontade e na intenção de Deus de modo a decidir, por amor a Deus, fazer um dique para outro castor em vez de fazê-lo para si. O ser humano é que pode fazer isso, porque foi criado à imagem de Deus. Fomos criados para mostrar como Deus é. Ao nos encarregar de dominar a terra – moldá-la e usá-la – ele não pretendia que o fizéssemos como um *castor*. Ele quer que o façamos como seres humanos, pessoas moralmente conscientes que têm a responsabilidade de fazer seu trabalho com a intenção de glorificar quem nos fez.

Só para ilustrar: se Deus nos envia para trabalharmos como portadores da sua imagem, nossos diques devem ser retos, nossos encanamentos não devem vaziar, nossos armários devem ser nivelados, nossas incisões cirúrgicas devem ser limpas, nossos textos corrigidos e excelentes, e nossas refeições nutritivas e atraentes, porque nosso Deus preza ordem, beleza e eficiência. Gatos são limpos, formigas são trabalhadoras, aranhas produzem teias bem organizadas. Todos dependem de Deus. Por isso, a essência do nosso trabalho como seres humanos é que ele seja feito contando conscientemente com o poder de Deus, buscando conscientemente o padrão divino de excelência, e objetivando deliberadamente refletir a glória de Deus.

⁴ Cecil F. Alexander, “All Things Bright and Beautiful” (1848).

Bom trabalho e bom sono

Trabalhando dessa forma – não importa qual seja sua vocação – você pode ter uma sensação agradável de paz no fim do dia. O dia não foi desperdiçado. Deus não nos criou para ficarmos ociosos. Por essa razão, aqueles que abandonam a produtividade criativa perdem a alegria do trabalho feito em dependência de Deus, que molda o mundo e reflete os propósitos de Deus. “O trabalhador pode ter pouco ou muito para comer, mas pelo menos dorme bem à noite. Porém o rico se preocupa tanto com as coisas que possui, que nem consegue dormir” (Ec 5.12). Jonathan Edwards deixou claro que espiritualidade com negligência das obrigações seculares é hipocrisia. Ele descreveu sua própria esposa (“a pessoa”) para ilustrar o contrário:

“Como é bom”, disse a pessoa certa vez, “trabalhar para Deus durante o dia, e à noite deitar-se debaixo do seu sorriso!” Essa pessoa não alcançou experiências elevadas e afetos religiosos às custas da negligência dos trabalhos necessários do chamado secular para passar tempo lendo e orando e em outros exercícios devocionais; ela cuidou dos assuntos do mundo com grande entusiasmo, como parte do serviço a Deus; e a pessoa declarou que fazer assim “mostrou ser tão bom como a oração”.⁵

A espiritualidade verdadeira alimenta, e não prejudica, o trabalho objetivo das vocações seculares. A indolência não cresce no solo da comunhão com Deus. Por isso, as pessoas que passam a maior parte de seu tempo sem fazer nada ou em lazer frívolo raramente são tão felizes como as que trabalham. Pessoas aposentadas realmente felizes encontraram maneiras criativas, úteis e que honram a Deus de manter-se ativas e produtivas em benefício de outras pessoas e da glória de Deus.

Na verdade, deveríamos ajudar uns aos outros a encontrar trabalho e a mantê-lo. Deveríamos nos importar com o problema mais amplo do desemprego. O problema não é em primeiro lugar econômico, apesar de também sê-lo. Antes de qualquer coisa, o problema é teológico. O ser humano foi criado à imagem de Deus e dotado de traços do seu Criador que o capacita para o trabalho ativo, útil, alegre e que exalta a Deus. Por essa razão, ficar muito tempo à toa (quando a pessoa é apta) acarreta a opressão da culpa e do sentimento de inutilidade. Assim, a segunda maneira de engrandecer a Deus com nosso trabalho secular é através da intenção alegre e confiante da nossa criatividade e do esforço que exalta a Deus. Deus nos criou para o trabalho, para que, recorrendo conscientemente ao seu poder e moldando conscientemente o mundo à sua excelência, possamos agradá-lo e ele possa ser glorificado em nós. E quando lembramos que toda essa criatividade que exalta a Deus e toda essa alegria só é possível a pecadores imerecedores como nós por causa da morte de Cristo, cada hora de trabalho nada mais é que proclamação da cruz.

3) Engrandecemos a Cristo em nosso trabalho secular quando este confirma e sublinha a descrição da glória de Cristo que as pessoas ouvem no evangelho pregado.

A questão não é destacar o valor do trabalho secular em si. Ele não é o evangelho. Por si só, ele não salva ninguém. Na verdade, sem palavras ditas sobre Jesus Cristo, nosso trabalho secular não despertará admiração pela glória de Cristo. É por isso que o Novo Testamento chama modestamente nosso trabalho de adorno do evangelho. Falando a escravos, Paulo diz “que obedçam aos seus donos e os agradem em tudo! Que não sejam respondões, nem roubem os seus donos! Pelo contrário, que eles mostrem que são sempre bons e fiéis em tudo o que fazem. Desse modo, por causa das coisas que eles fizerem [lit. sendo um *adorno*], todos falarão bem da doutrina a respeito de Deus, o nosso Salvador” (Tt 2.9-10). A questão aqui não é a escravatura (que Paulo anulou indiretamente ao chamar Onésimo, depois de convertido, “não mais um escravo, porém [...] um querido irmão em Cristo”, Fm 16), mas mostrar que a maneira como fazemos nosso trabalho “adorna” a doutrina de Deus.

⁵ Jonathan Edwards, “Thoughts Concerning the Revival”, em *The Great Awakening, The Works of Jonathan Edwards*, vol. 4. New Haven, Conn: Yale University Press, 1972, p. 340.

Em outras palavras, nosso trabalho não é a mulher bonita, mas o colar. A mulher bonita é o evangelho – “a doutrina a respeito de Deus, o nosso Salvador”. Portanto, um significado essencial do nosso trabalho secular é que a maneira em que o fazemos fará com que o evangelho que professamos diante dos crentes seja mais ou menos atraente. Evidentemente, desde que eles saibam que somos cristãos. O argumento do texto desmorona se não há nada para “adornar” com nosso trabalho. Achar que nosso trabalho glorificará a Deus se as pessoas não sabem que somos cristãos é como admirar uma propaganda bem feita na TV que não menciona o produto. As pessoas ficarão impressionadas, mas não saberão o que comprar.

Tirando pedras de tropeço da fé

Há ainda outra passagem em que Paulo mostra o papel modesto do nosso trabalho em relação ao evangelho. Em 1 Tessalonicenses 4.11-12 ele diz à igreja: “Procurem viver em paz, tratem dos seus próprios assuntos e vivam do seu próprio trabalho, como já dissemos antes. Assim, *aqueles que não são cristãos os respeitarão, e vocês não precisarão viver às custas de ninguém.*” A ideia não é que nosso trabalho salvará alguém. Paulo está dizendo que obstáculos serão removidos. Dito de outra forma, o trabalho bem feito e honesto não é o poder salvador do evangelho de Deus, mas um vendedor de carros picareta que se diz cristão é uma vergonha para o evangelho e funciona como um obstáculo na estrada, que impede as pessoas de verem a beleza de Cristo. Um preguiçoso pode ser um tropeço maior do que um criminoso. Será que os cristãos devem ser conhecidos nos escritórios como aqueles que você procura quando tem um problema, mas não quando tem uma questão profissional complexa? Não precisa ser uma coisa ou outra. O mandato bíblico é: “O que vocês fizerem façam de todo o coração, como se estivessem servindo o Senhor e não as pessoas” (Cl 3.23; cf. Ef 6.7).

Assim, a terceira maneira de engrandecer a Deus em nosso trabalho secular é ter padrões de excelência tão elevados, integridade e boa vontade tão evidentes que não colocamos obstáculos no caminho do evangelho, antes chamamos a atenção para a beleza de Cristo que satisfaz a todos. Quando adornamos o evangelho com nosso trabalho, não estamos desperdiçando nossa vida. Quando lembramos que o adorno em si (o trabalho na dependência de Deus, moldado por Deus, que exalta a Deus) foi comprado para nós pelo sangue de Cristo, e que a beleza que adornamos é o próprio evangelho da morte de Cristo, então todo o nosso adorno frágil nada mais é que proclamação da cruz.

4) Engrandecemos a Cristo em nosso trabalho secular quando ganhamos dinheiro suficiente para não depender de outros, ao mesmo tempo que temos em vista a utilidade do nosso trabalho e não o retorno financeiro.

Deus quis desde o começo que o trabalho realizador suprisse nossas necessidades. Deus trabalhou no começo (Gn 2.2), e o ser humano que ele criou à sua imagem também trabalha. Antes de o pecado entrar no mundo, esse trabalho era útil e sem frustração. Ele estava ligado de modo maravilhoso à provisão abundante de Deus que atendia nossas necessidades. Ele submetia a terra às necessidades materiais do ser humano sem arruiná-la (Gn 1.28). No começo, o lar do ser humano era um jardim de árvores frutíferas, não um solo duro que precisava ser arado e plantado. “O Senhor fez com que ali crescessem árvores lindas de todos os tipos, que davam frutas boas de se comer” (Gn 2.9). Além disso, “no Éden nascia um rio que regava o jardim” (v. 10).

Trabalho com alegria antes da Queda; depois, suor e lágrimas

Nesse paraíso que tinha tudo em abundância, Deus disse no começo: “Não havia ninguém para cultivar a terra” (Gn 2.5). Depois ele fez o ser humano da terra, e esse ser criado tornou-se um filho trabalhando com seu Pai, cuidando da criação. A essência do trabalho não era o sustento da vida. Deus é quem sustentava. O ser humano era livre, não *do* trabalho, mas *no* trabalho, para ser criativo sem a ansiedade de prover comida e roupa.

O que mudou com a entrada do pecado no mundo não foi que o ser humano tinha de trabalhar, mas que o trabalho ficou pesado com a futilidade e frustração da criação caída. O Senhor disse a Adão:

Você fez o que a sua mulher disse e comeu a fruta da árvore que eu o proibi de comer. Por causa do que você fez, a terra será maldita. Você terá de trabalhar duramente a vida inteira a fim de que a terra produza alimento suficiente para você. Ela lhe dará mato e espinhos, e você terá de comer ervas do campo. Terá de trabalhar no pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; e isso até que você volte para a terra (Gn 3.17-19).

Quando o homem e a mulher decidiram se rebelar e rejeitar a supervisão e provisão paternal de Deus, este os sujeitou àquilo mesmo que eles tinham escolhido: independência. De agora em diante, ele disse, quem quiser comer terá de se esforçar e suar. Com isso, eles foram expulsos do jardim onde o trabalho era alegre para o solo do esforço ansioso. A maldição sob a qual vivemos hoje não é a obrigação de trabalhar. A maldição é que, em nosso trabalho, lutamos contra cansaço e frustração, calamidades e ansiedade. E tudo isso pesa em dobro porque agora temos de nos manter vivos com nosso esforço. “Você terá de trabalhar duramente a vida inteira a fim de que a terra produza alimento suficiente para você. [...] Terá de trabalhar no pesado e suar” para poder comer.

Cristo tomou a maldição sobre si, e nós estamos sendo libertos

Jesus não veio para tirar a maldição de sobre seu povo? Sim: “Cristo, tornando-se maldição por nós, nos livrou da maldição imposta pela lei. Como dizem as Escrituras: ‘Maldito todo aquele que for pendurado numa cruz!’” (Gl 3.13). Contudo, a maldição não é retirada toda de uma vez. Deus nos salva em etapas. Cristo desferiu um golpe mortal no mal quando morreu pelo pecado e ressuscitou. Mas os inimigos ainda não estão todos debaixo de seus pés. Por exemplo, a morte faz parte da maldição que ainda sofremos. Cristo derrotou a morte em favor de seu povo, mas por enquanto ainda só parcialmente. Ainda morreremos, mas o “agulhão” da morte, o desespero da morte, é tirado, porque nossos pecados estão perdoados em Cristo, e ele ressuscitou (1Co 15.54-55)!

De modo semelhante, ainda temos de trabalhar duro para prover para nossas necessidades. Cristo diz: “Não se preocupem com a comida e com a bebida que precisam para viver nem com a roupa que precisam para se vestir. [...] O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso. Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas” (Mt 6.25, 32-33). Ele diz: “Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso” (Mt 11.28). E Paulo acrescenta: “Continuem fortes e firmes. Continuem ocupados no trabalho do Senhor, pois vocês sabem que todo o seu esforço nesse trabalho sempre traz proveito” (1Co 15.58). Em outras palavras, Deus não quer que seus filhos andem curvados sob o fardo da frustração e do senso de inutilidade e do cansaço depressivo do trabalho. Essa parte da maldição ele quer tirar de nós já nesta vida.

O paraíso não é aqui ainda

Todavia, assim como a morte é real no fim da vida, temos de trabalhar neste mundo caído lutando contra os muitos obstáculos que tornam o trabalho duro. Ainda não podemos voltar ao paraíso e colher frutas no pomar de outra pessoa. Esse era o erro que estava sendo cometido em Tessalônica. Alguns tinham largado seu emprego e estavam à toa porque achavam que Cristo viria em breve. O paraíso estava às portas. Paulo lhes escreveu: “Quem não quer trabalhar, que não coma. Estamos afirmando isso porque ouvimos dizer que há entre vocês algumas pessoas que vivem como os preguiçosos: não fazem nada e se metem na vida dos outros. Em nome do Senhor Jesus Cristo, ordenamos com insistência a essas pessoas que

vivam de um modo correto e trabalhem para se sustentar” (2Ts 10-12). Pessoas saudáveis que decidem viver ociosas e comer o fruto do suor de outra pessoa são rebeldes contra o plano de Deus. Se temos condições, devemos ganhar nosso próprio sustento.

Como, então, o cristão engrandece a Cristo trabalhando para “ganhar seu sustento”? Em primeiro lugar, sujeitando-se de boa vontade ao plano de Deus para esta vida. É um ato de obediência que honra sua autoridade. Em segundo lugar, tirando obstáculos do caminho dos descrentes, que considerariam a dependência preguiçosa de outros uma evidência de que nosso Deus não é digno de ser seguido. “Vivam do seu próprio trabalho [...]. Assim, aqueles que não são cristãos os respeitarão, e vocês não precisarão viver às custas de ninguém” (1Ts 4.11-12). Honramos a Deus ganhando nosso sustento porque isso abre o caminho para que os descrentes vejam Cristo como ele realmente é. Cristãos sem rumo e improdutivos contradizem o Deus criativo, objetivo, poderoso e misericordioso que amamos. Estão desperdiçando sua vida.

Não trabalhe pela comida que se estraga

Em terceiro lugar, engrandecemos a Deus ganhando nosso sustento quando nos concentramos não no ganho financeiro, mas no benefício que nosso produto ou serviço proporciona à sociedade. Isso parece paradoxal. Estou dizendo que, sim, devemos ganhar dinheiro suficiente para atender às nossas necessidades. Mas não devemos fazer *disso* o principal foco do nosso trabalho. Uma das coisas mais surpreendentes que Jesus disse foi: “*Não trabalhem a fim de conseguir a comida que se estraga, mas a fim de conseguir a comida que dura para a vida eterna. O Filho do Homem dará essa comida a vocês*” (Jo 6.27). Não trabalhe pela comida que se estraga! “A comida que se estraga” se refere simplesmente a toda comida e provisão comum. Isso é surpreendente! Parece afirmar exatamente o contrário do que estou dizendo. O que ele quer dizer com isso?

Sabemos de tudo o que vimos até aqui que Jesus não diz que é errado ganhar o que é necessário para viver. É evidente, portanto, que ele quer dizer que, quando trabalhamos pela comida que se estraga, deve haver um sentido importante em que não estamos trabalhando por aquela comida, mas por algo mais. Ou seja, não se concentre meramente em coisas materiais quando trabalha. Não trabalhe apenas tendo em vista as coisas perecíveis que você pode comprar com sua renda. Trabalhe pensando não no dinheiro em primeiro lugar, mas em ser útil. Trabalhe com a intenção de beneficiar pessoas com o que você faz.

Cristo retirou a maldição do trabalho. Ele substituiu o esforço ansioso pela confiança na promessa de Deus em suprir nossas necessidades (Fp 4.19), despertando assim em nós uma paixão diferente em nosso trabalho. Voltamo-nos com alegria ao chamado de Jesus: Busque em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e a comida que se estraga lhe será acrescentada. Portanto, não trabalhe pela comida que se estraga. Trabalhe para amar as pessoas e honrar a Deus. Pense em novas maneiras de abençoar pessoas com seu trabalho. Pare de pensar primeiro na lucratividade, e pense primeiro em como seu produto ou serviço pode ser útil.

Faça seus negócios, mas viva livre deles

Como fazer para levantar de manhã e ir trabalhar *não* pela comida que se estraga – não pensando em primeiro lugar no lucro? Essa é uma descoberta espiritual, obtida com muita oração e anseio. Minhas palavras explicativas não farão isso acontecer. Mas talvez o Espírito Santo use estas palavras para responder à sua pergunta. Paulo disse em 1Coríntios 7.30-31 que, como vivemos em um tempo de grande urgência, “os que compram [devem comprar] como se não fosse deles aquilo que compraram; os que tratam das coisas deste mundo, como se não estivessem ocupados com elas”. Creio que essa é outra maneira de dizer: sim, trabalhe, mas não pela comida que se estraga. Vá em frente, compre, mas aja como se não tivesse nada. Faça seus negócios, mas viva livre deles. O resultado financeiro desses negócios não é sua vida.

Digamos que você tem ações na bolsa

Digamos que você é cristão e trabalha com ações, e a bolsa teve uma queda. Não trabalhar pela comida que se estraga significa para você que sua vida não ficou afetada. Sua paz e alegria não foram destruídas. Sua determinação de fazer o melhor por seus clientes continua a mesma – mesmo quando você os aconselha a sair da bolsa e usar seu dinheiro de outra maneira, para a glória de Deus. Você não está trabalhando pela comida que se estraga. Seu objetivo é alegrar-se ao ver que Cristo está sendo glorificado pela maneira com que você trabalha. Jesus disse: “Eu tenho para comer uma comida que vocês não conhecem. [...] A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e terminar o trabalho que ele me deu para fazer” (Jo 4.32,34). Ninguém, em sua vocação, deve se preocupar em primeiro lugar com a comida que se estraga – deixe isso com o Senhor. Nós devemos procurar fazer a vontade daquele que nos enviou. E sua vontade é que o desejemos acima de qualquer outra coisa e vivamos de acordo. O acionista cristão dirá, diante da queda da bolsa: “A principal comida que quero desse trabalho ainda está lá. Acima de tudo, desejo passar nesse teste de fé e descansar profundamente na bondade e no poder de Cristo. Tenho fome de ver seu nome ser honrado quando outros veem minha conduta e minha integridade e dão glória a Cristo.” Com isso em mente, ele trabalha pela comida que dura para a vida eterna. Ele trabalha levantando cedo para orar e meditar e tendo Cristo perto do coração o dia inteiro. Nessa segurança ele pensa no bem dos outros e os serve. Isso é uma maravilha, não uma vida desperdiçada. Jesus nos chama para sermos estrangeiros e peregrinos neste mundo; não nos tirando deste mundo, mas mudando na raiz como encaramos o mundo e como fazemos nosso trabalho nele. Se trabalhamos simplesmente pelo sustento – pela comida que se estraga – estaremos desperdiçando nossa vida. Mas se trabalhamos na segurança tranquila de que Deus suprirá todas as nossas necessidades – que Cristo morreu para comprar todas as bênçãos que não merecemos – então nosso trabalho será uma demonstração de amor e proclamação da cruz.

5) Engrandecemos a Cristo em nosso trabalho secular ganhando dinheiro com o propósito de usá-lo para fazer outros felizes em Deus.

Tudo o que eu disse no capítulo anterior pressupõe que temos dinheiro para gastar de modo radical para mostrar que Cristo, e não o dinheiro, é nosso Tesouro. O dinheiro, porém, não cresce em árvores; trabalhamos para ganhá-lo. Prestamos algum serviço ou fazemos algum produto pelo qual alguém vai pagar. Minha ideia aqui, então, é que, ao trabalharmos, sonhemos em como fazer outros felizes em Deus com o dinheiro que nos sobra. É verdade que devemos usar *todo* o nosso dinheiro para tornar os outros felizes em Deus, no sentido de que toda a nossa vida tem esse objetivo. Especificamente, porém, nosso trabalho secular pode se tornar uma grande bênção que exalta a Deus no mundo se nos propomos separar o ganho de que não precisamos (e precisamos de muito *menos* do que pensamos) para atender as necessidades de outros em nome de Jesus.

Os trabalhadores saudáveis ajudam as vítimas de perdas

Deus ensina claramente que devemos trabalhar para atender as necessidades daqueles que não podem fazê-lo por si. É verdade que todos os que podem devem trabalhar, e que, de modo geral, quem trabalha tem o que precisa. “Quem cultiva a terra tem comida com fartura” (Pv 12.11). Essa regra geral, no entanto, não é absoluta. Uma seca pode atingir a lavoura; ladrões podem roubar o que a pessoa ganhou; alguma deficiência pode restringir ou impedir a capacidade de sustentar-se. Tudo isso é parte da maldição que o pecado trouxe ao mundo. Deus, contudo, em sua misericórdia, quer que o trabalho dos que são capazes supra as necessidades dos indefesos, especialmente em tempos difíceis. Três passagens da Bíblia deixam isso bem claro. Em 1Timóteo 5.8, Paulo fala a filhos e netos a respeito das viúvas idosas: “Aquele que não cuida dos seus parentes, especialmente dos da sua própria família, negou a fé e é pior do que os que não creem.” Em Atos 20.35, Paulo se refere ao seu próprio trabalho, e depois diz: “Em tudo tenho mostrado a vocês que é

trabalhando assim que podemos ajudar os necessitados. Lembrem das palavras do Senhor Jesus: ‘É mais feliz quem dá do que quem recebe’”. Por último, em Efésios 4.28 Paulo não se limita a dizer: “Não roube! Trabalhe!”; ele instrui: “Quem roubava, não roube mais, porém comece a trabalhar a fim de viver honestamente e *poder ajudar os pobres*.” Você pode roubar para ter. Ou pode trabalhar para ter. Ou você pode trabalhar para ter para dar. Quando a terceira opção vem da alegria na bondade de Deus, ela o engrandece no mundo.

6) Engrandecemos a Cristo em nosso trabalho secular entendendo a rede de relacionamentos que ele cria como um presente de Deus, para demonstrarmos amor transmitindo o evangelho e ajudando de modo prático.

Deixei esse ponto por último, não porque é o menos importante, mas porque alguns que o põem em primeiro lugar não conseguem mais falar nada sobre a importância do trabalho secular. Eu mesmo já cometi esse erro. A evangelização pessoal é tão importante que facilmente pensamos que ela é a única coisa que importa na vida. Contudo, vimos que a Bíblia dá muita importância a adorar o evangelho, e não apenas dizer o evangelho. Porém agora quero afirmar que *falar* as boas notícias de Cristo é parte da razão porque Deus colocou você em seu emprego. Ele teceu você no pano de outras vidas para que você lhes conte o evangelho. Sem isso, faltará à nossa conduta de adorno aquilo que faz com que ela traga vida.

Do chamado cristão faz parte fazer da nossa boca uma fonte de vida: “As palavras dos bons são uma fonte de vida” (Pv 10.11). A ligação com a vida eterna é a fé em Jesus Cristo. Uma impressão boa das pessoas em relação a você como funcionário não as salvará. As pessoas precisam conhecer o evangelho, que é o poder de Deus para dar vida eterna (Rm 1.16). “A fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo” (Rm 10.17).

Os primeiros cristãos eram um bando “evangelizante”. Eles falavam o evangelho. Quando os crentes foram expulsos de Jerusalém por causa da perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão, eles “anunciavam o evangelho por toda parte” – literalmente, “evangelizando a palavra” (At 8.4). O evangelho estava na boca deles em todos os novos relacionamentos. Sua identidade era de “proclamadores”: “Vocês são a raça escolhida, os sacerdotes do Rei, a nação completamente dedicada a Deus, o povo que pertence a ele. Vocês foram escolhidos para anunciar os atos poderosos de Deus, que os chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Eles tinham recebido de graça, e de graça eles deram.

Eles eram motivados pelas palavras de Jesus a respeito do valor de cada vida humana: “O que adianta alguém ganhar o mundo inteiro, mas perder a vida verdadeira? Pois não há nada que poderá pagar para ter de volta essa vida” (Mc 8.36-37). Eles sentiam o peso do que C.S. Lewis falou vinte séculos mais tarde, quando refletiu sobre a relação entre ganhar uma pessoa para Cristo, por um lado, e o valor de sua vocação como professor de literatura inglesa em Oxford, por outro:

Um cristão leva a literatura um pouco menos a sério do que o pagão culto. [...] O descrente sempre está pronto a fazer um tipo de religião das suas experiências estéticas [...] e geralmente quer afirmar sua superioridade em relação à grande massa da humanidade que se volta para os livros como mera recreação. O cristão, no entanto, sabe desde o começo que *a salvação de uma única pessoa é mais importante que a produção e preservação de todos os épicos e tragédias do mundo*; quanto à superioridade, ele sabe que o povo, apesar de incluir a maioria dos pobres, provavelmente contém a maioria dos que são superiores.⁶

Importante aqui não é achar que Lewis demitiu-se do emprego e se tornou um evangelista em tempo integral, nem você deve fazê-lo. O que quero destacar é que ele viu a importância do seu trabalho na perspectiva certa e sabia que mais de uma coisa lhe conferia significado. A

⁶ C.S. Lewis, “Christianity and Literature”, em *Christian Reflections*. Grand Rapids: Eerdmans, 1967, p. 10.

cada uma das cinco maneiras de engrandecer a Deus com nosso trabalho que mencionei acima, Lewis acrescentaria que sua vocação criava uma rede de relacionamentos em que ele podia falar o evangelho. Certa vez, quando o criticaram dizendo que estava simplificando demais o evangelho, ele respondeu:

Mais útil é o crítico que propõe a cura junto com o diagnóstico da doença. Como ele mesmo faz seu trabalho? Que métodos, e com que sucesso, ele emprega quando está tentando converter a grande multidão de lojistas, advogados, corretores de imóveis, agentes funerários, policiais e artesãos que o cercam em sua cidade?⁷

Talvez mais uma coisa deva ser mencionada a respeito dos relacionamentos criados onde vivemos e trabalhamos. Para muitos de vocês, a opção por missões ou obras de misericórdia não os afastará do seu trabalho, mas os levará junto com seu trabalho a uma região do mundo menos alcançada e mais necessitada. Um cristão deve perguntar seriamente não só qual é sua vocação, mas também onde ela deve ser vivida. Não devemos presumir que professores, carpinteiros, programadores de computador, administradores, médicos e pilotos devem fazer seu trabalho em sua cidade. Sua vocação pode ser mais útil em um país em que é difícil entrar de outra maneira, ou em um lugar em que a pobreza torna o acesso ao evangelho difícil. Dessa perspectiva, a rede de relacionamentos criada por nosso trabalho não apenas é estratégica, mas intencional.

Conclusão

Em conclusão, o trabalho secular não é um desperdício quando engrandecemos a Cristo das 8 às 6. A vontade de Deus para nossa época é que seu povo se espalhe como sal e luz por todas as vocações legítimas. Seu propósito é ser conhecido, porque conhecê-lo é vida e alegria. Ele não nos chama para fora do mundo. Ele não tira de nós a necessidade de trabalhar. Ele não destrói nossa sociedade e cultura. Por meio dos seus santos espalhados ele difunde a paixão por sua supremacia em todas as coisas, para alegria de todos os povos. Se você trabalha como as pessoas do mundo, você desperdiçará sua vida, não importa quão rico fique. Mas se seu trabalho cria uma rede de relacionamentos redentores e se torna um adorno para o evangelho da glória de Cristo, sua satisfação durará para sempre e Deus será exaltado em sua alegria.

⁷ C. S. Lewis, "Rejoinder to Dr. Pittenger", in *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 183.